

Collor pede votos na terra de JK

Diamantina — Num discurso em que citou onze vezes o nome do ex-presidente Juscelino Kubitschek, em comício assistido por cerca de três mil pessoas, o candidato do PRN, Fernando Collor, saudou na noite de anteontem as adesões da filha de Juscelino, a deputada Márcia Kubitschek, e da vice-governadora de Minas, Júnia Marise, a sua campanha. Ao subir ao palanque na terra de JK, Collor usou uma linguagem diferente da usual, pródiga em elogios ao ex-presidente. Também trocou a tradicional frase de encerramento — “Não me deixem só” — pela afirmação de que quer ver o Brasil “como Juscelino queria: próspero e com justiça social”.

Na busca pela herança da imagem de Juscelino — que é disputada também por um outro candidato, Guilherme Afif, do PL —, Collor não deixou de lado, contudo, os já costumeiros ataques ao governo. O trecho do discurso mais apreciado

pela multidão foi justamente aquele em que afirmou: Falta caçar ainda um Marajá, o maior de todos, que é o presidente que nos infelicitou. Temos que fazer isto com a arma da democracia, que é o voto”.

Apesar do amplo comparecimento ao comício e dos aplausos, Collor, Márcia e Júnia não receberam grandes manifestações de entusiasmo e empolgação.

Convite

No comício, Márcia afirmou ter recebido um convite do candidato para ser sua vice, há tempos, mas não aceitou para não dar a impressão de que sua adesão era uma “vulgar barganha política”.

Após o comício realizado em frente a Igreja de São Francisco e ao lado da estátua de Juscelino, o candidato foi homenageado com uma seresta nos degraus da Igreja, local onde o ex-presidente costumava fazer serenatas. A seresta, durante a qual Collor e suas acompanhantes cantaram o tradicional

“peixe-vivo” e os seguranças tentavam impedir o cerco da multidão ao candidato, durou poucos minutos. O candidato seguiu então para um jantar dado em sua homenagem por um empresário local.

A programação de Collor em Diamantina, elaborada dias antes, minuciosamente por sua assessoria, sofreu um sensível enxugamento em razão da neblina que pairou sobre a cidade anteontem à tarde. Como seu avião não conseguiu pousar no pequeno aeroporto, Collor teve que vir de carro de Belo Horizonte, chegando às 22h30, cinco horas depois do horário previsto.

Na manhã de ontem a programação prevista fracassou e o candidato chegou com antecedência ao aeroporto para embarcar de volta a Belo Horizonte. Ele deixou de visitar o arcebispo da cidade, D. Geraldo Magela, que não estava em casa. E também não conseguiu visitar a casa onde morou JK, que encontrou fechada quando lá chegou.